

## TPAN — ponto de virada na história da humanidade (Parte 6 de 7)

O segundo tema de interesse ao qual gostaria de oferecer propostas específicas é a proibição e a abolição das armas nucleares.

Em 22 de janeiro de 2021, o Tratado de Proibição de Armas Nucleares (TPAN), há tanto tempo almejado pela sociedade civil, entrou em vigor. O tratado proíbe de forma abrangente as armas nucleares, e não apenas seu desenvolvimento e testes, mas também sua produção, estocagem e uso ou ameaça de uso. Atualmente [até janeiro de 2021], o tratado foi assinado por 86 países e ratificado por 52.

Seguindo os precedentes abertos pela Convenção sobre as Armas Biológicas e Químicas, que extingue tais artefatos de destruição em massa, a entrada em vigor do TPAN marca o começo de uma nova era na qual a contínua existência das armas nucleares na Terra foi considerada inaceitável por um instrumento juridicamente vinculativo.

Em outubro do ano passado, Setsuko Turlow, uma hibakusha que se empenhou junto com a Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (Ican) para defender a entrada em vigor do TPAN, compartilhou seus pensamentos ao ficar sabendo que o tratado havia cumprido as condições para isso. Por eu também ter dedicado a vida a concretizar um mundo sem armas nucleares, fiquei profundamente tocado por suas palavras:

Isso de fato marca o início de uma era sem armas nucleares! Quando fiquei sabendo que atingimos nossa quinquagésima ratificação, não fui capaz de me manter em pé. Permaneci em minha cadeira, coloquei a cabeça em minhas mãos e derramei lágrimas de alegria. (...) Tenho um enorme sentimento de conquista e de realização, um sentimento de satisfação e de gratidão. Sei que outros sobreviventes compartilham dessas mesmas emoções — sejam eles sobreviventes de Hiroshima e de Nagasaki, sobreviventes de testes das nações insulares no Pacífico Sul, Cazaquistão, Austrália e Argélia ou sobreviventes da exploração de urânio no Canadá, Estados Unidos e Congo.<sup>46</sup>

Assim como a Sra. Turlow notou, pessoas ao redor do mundo sofreram com o desenvolvimento e com os testes ao longo de uma era nuclear que persistiu por mais de 75 anos. E, conforme o TPAN ressalta, só a existência das armas nucleares já apresenta grande perigo para o mundo. E as calamitosas consequências resultantes do uso delas e de qualquer operação nuclear seriam realmente imponderáveis. O dano ao planeta se estenderia além da dimensão da destruição em massa: em um instante, tudo retornaria ao nada, tudo cessaria de existir — cada preciosa vida, as

comunidades e atividades sociais, a totalidade da história humana e da civilização —, tudo seria cruelmente esvaziado de sentido. Algo capaz de produzir tamanha tragédia pode ser apenas descrito como um mal absoluto.

Meu mestre, segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda, lançou sua Declaração pela Abolição das Armas Nucleares em 1957, uma época em que todas as partes do mundo estavam sendo dominadas por uma investida nuclear resultante da corrida armamentista. Para confrontar e subjugar o pensamento que justifica a posse de armas nucleares, Toda sensei afirmou que seu objetivo era “expor e cortar as garras ocultas nas profundezas de tais armas”.<sup>47</sup> Ele foi além e declarou o uso de armas nucleares como inaceitável sob quaisquer circunstâncias. Ao usar deliberadamente uma linguagem provocativa, desejava enfatizar que, sem expor a verdadeira natureza do mal absoluto que se esconde na posse de armas nucleares, seria impossível proteger o direito da população mundial à vida.

Como o preâmbulo do TPAN afirma, um senso de urgência para garantir “a segurança de toda a humanidade” se encontra na base desse tratado. Ao estabelecer uma norma que exclui de forma abrangente as armas nucleares sob lei internacional, o principal propósito do tratado reside na proteção do direito à vida para todas as pessoas com quem compartilhamos este planeta — mesmo que o Estado em que vivem tenha armas nucleares ou seja dependente delas. E assim assegurar a sobrevivência das gerações futuras.

O apoio ao tratado tem crescido de forma constante: mesmo depois que o TPAN atingiu a quinquagésima ratificação necessária para entrar em vigor, dezesseis outros Estados expressaram sua intenção de ratificá-lo na sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas e do Conselho de Segurança (Primeiro Comitê).<sup>48</sup>

A atenção agora se volta para a primeira reunião dos Estados-membros do TPAN que o tratado exige que seja realizada dentro de um ano a partir de sua entrada em vigor. Aqui, o próximo passo será conseguir grande apoio à “segurança de toda a humanidade” e expandir grandemente o número de Estados signatários e ratificadores. Além disso, partindo do ponto em que todos os Estados são bem-vindos nessa reunião, incluindo aqueles que ainda não são membros, o foco principal será como envolver nas deliberações o máximo possível de Estados que tenham armas ou que sejam dependentes de energia nuclear. O desafio aqui é construir o tipo de vigorosa solidariedade que encerrará de vez a era das armas nucleares.

O Relatório UN75, ao qual me referi antes, também reflete claramente o crescente apoio do público global para a criação desse tipo de solidariedade. Ele cita uma lista de dez pontos prioritários para o futuro, incluindo um impulso global para apoiar a entrada em vigor do TPAN, assim como o banimento das armas autônomas letais (Laws, sigla em inglês), bem como as armas robóticas.<sup>49</sup> Além do mais, de acordo com uma pesquisa com Millennials (pessoas nascidas entre meados da

década de 1985 e fim dos anos 1990) de dezesseis países e territórios, financiada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 84% de todos os entrevistados concordam que o uso de armas nucleares em guerras ou conflitos "jamais será aceitável". Notadamente, também houve um apoio massivo a essa afirmação entre os Millennials que vivem em Estados com arsenais de armas nucleares.<sup>50</sup>

Como único país a ter vivido um ataque nuclear na época da guerra, o Japão deve preparar o caminho para os Estados dependentes de energia nuclear ao anunciar sua intenção de participar da primeira reunião dos Estados-membros do TPAN e proativamente participar das discussões. A partir disso, o Japão deve buscar uma ratificação o mais breve possível. À luz de sua história e do espírito inerente ao tratado — proteger o direito à vida de todas as pessoas com quem compartilhamos este planeta e assegurar a sobrevivência das futuras gerações —, o país pode certamente enviar uma mensagem poderosa ao mundo. Nesse sentido, o Japão fará uma importante contribuição para assegurar que as conversas atinjam um desfecho construtivo.

O TPAN estipula que, junto com a revisão e discussão de sua ratificação e status de implementação, a assembleia dos Estados-membros pode também abordar "quaisquer outros temas conformes e consistentes com as cláusulas deste tratado".<sup>51</sup> Com base nisso, gostaria de propor que um fórum para discussão da relação entre as armas nucleares e os ODS seja realizado durante a primeira reunião

dos Estados-membros.

A questão das armas nucleares não é apenas central para a conquista da paz mundial; assim como assinalado no preâmbulo do tratado, ela tem graves implicações em muitas áreas de interesse incluindo direitos humanos e questões humanitárias, meio ambiente e desenvolvimento, economia global e segurança alimentar, saúde e igualdade de gênero. Do ponto de vista de que cada uma dessas áreas representa um aspecto crucial dos ODS, o tema das armas nucleares e os ODS podem ser colocados como uma questão que se refere a todos os Estados e servir de impulso para engajar o máximo possível daqueles que detenham armas nucleares ou que sejam dependentes de energia nuclear nas discussões dos Estados-membros.

A prolongada severidade das tensões que se seguiram à Segunda Guerra Mundial fez com que a ameaça imposta pelas armas nucleares se enraizasse, tanto que até hoje, trinta anos após o fim da Guerra Fria, há forte tendência de ver a questão como algo imutável e "determinado". Mesmo reconhecendo que a segurança nacional tem alta prioridade para os Estados, deveríamos nos perguntar: "Ela só pode ser alcançada pela dependência contínua das armas nucleares?". Acredito que debater essa questão à luz da importância da conquista de cada um dos ODS representaria oportunidade significativa para os Estados com armas nucleares e os dependentes de energia nuclear reexaminarem suas posições atuais.

Isso é ainda mais crucial quando vemos que a pandemia da Covid-19 continua a sobrecarregar os sistemas de saúde nacionais e a minar as economias ao redor do mundo, com algumas previsões mostrando que a recuperação pode levar anos. Acredito fortemente que atingimos um ponto crítico no qual os Estados devem seriamente reconsiderar o mérito de continuar a despejar vultosas somas em orçamentos militares que buscam segurança por meio da posse de armas nucleares.

Na mitologia grega, encontramos a história do rei Midas, que se tornou hábil em transformar tudo o que tocava em ouro. Uma vez que seu desejo era sempre garantido, ele descobriu que até a água e a comida, tão necessárias para a sobrevivência humana, se transformavam em ouro ao serem tocadas e, conseqüentemente, se tornavam inúteis. No final, ele decidiu abrir mão do seu "dom". Atualmente, por conta não apenas das mudanças climáticas, mas também da crise da Covid-19, faz-se necessário que todos os países reconsiderem minuciosamente as implicações das armas nucleares em prol da população mundial. Isso, estou seguro, ganhará maior evidência com as discussões sobre a relação entre as armas nucleares e os ODS, que, por sua vez, será indispensável em nossos esforços para criar um mundo no qual vale a pena viver.

Mais que tudo, é a voz unida da sociedade civil que servirá como uma grande força para gerar maior apoio global para o TPAN. Em minha proposta de paz do ano passado, além de solicitar a participação

de observadores da sociedade civil na primeira reunião dos Estados-membros do TPAN, propus a realização de um fórum popular por um mundo sem armas nucleares que se seguisse à primeira reunião, unindo os hibakusha do mundo, os municípios que apoiam o TPAN e os representantes da sociedade civil. Essas duas propostas serviriam para ampliar as vozes da sociedade civil e ajudar a posicionar o TPAN como o pilar dos esforços pelo desarmamento no século 21, e seriam pontos fundamentais para reunir a energia popular a fim de transformar a história humana.

Agora que o TPAN entrou em vigor, será possível que os países se unam para eliminar a ameaça planetária imposta pelas armas nucleares?

Enquanto nos encontramos nessa encruzilhada da história, gostaria de abordar o exemplo do professor Joseph Rotblat (1908–2005), que serviu por muito tempo como presidente das Conferências de Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais, cuja história de vida pode nos oferecer um guia para que a mudança de paradigma à qual aspiramos seja conquistada.

Dos muitos cientistas engajados no Projeto Manhattan, empreendimento liderado pelos Estados Unidos para desenvolver a bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial, o professor Rotblat foi o único que se demitiu antes da finalização do projeto. Muitos anos antes de se juntar ao projeto, ele havia se mudado do seu país de origem, Polônia, para a Inglaterra, a fim de realizar sua pesquisa, mas foi separado

de sua esposa quando alemães nazistas invadiram sua terra natal. Ao receber o convite para participar do Projeto Manhattan como parte da missão britânica, ele partiu para os Estados Unidos, atormentado por um conflito entre sua consciência e o desejo de evitar que os nazistas desenvolvessem e usassem uma arma nuclear.

No laboratório de Los Alamos, no Novo México, seu escritório era vizinho ao de Edward Teller (1908–2003), que seria mais tarde conhecido como o pai da bomba de hidrogênio. Um dia, o general militar a cargo do Projeto Manhattan lhe disse que o real objetivo de construir a bomba atômica era subjugar a União Soviética, mais que ultrapassar os esforços nazistas de desenvolvimento, e assim desmoralizá-los.<sup>52</sup>

Em um diálogo conduzido muitos anos depois [do ocorrido], o professor Rotblat relembrou seu profundo choque diante dessa revelação: "Comecei a sentir que estava em Los Alamos pela razão errada. Senti como se o chão sob meus pés começasse a desmoronar".<sup>53</sup> Ele pediu para ser dispensado de sua participação nesse projeto ultrassecreto e, apesar dos diversos tipos de pressão para voltar atrás em sua decisão, ele retornou à Inglaterra sozinho. Tragicamente, chegando lá, ficou claro que sua amada esposa havia sido morta no Holocausto.

Quando soube do bombardeio atômico de Hiroshima no noticiário em 6 de agosto de 1945, ele resolveu dedicar o restante de sua vida para garantir que as armas nucleares nunca mais fossem usadas. Em

1946, organizou a Associação Britânica de Cientistas Atômicos com o intuito de realizar uma campanha contra qualquer tipo de uso de tais armas. Para promover a consciência pública sobre os perigos de armas nucleares, ele ajudou a financiar uma exposição itinerante em vagões de trem que percorreu as ilhas britânicas, a Europa continental e o Oriente Médio. Rotblat mudou seu campo de estudos para o uso terapêutico da radiação, pois queria ver sua pesquisa usada para ajudar a salvar vidas. Seu trabalho anterior sobre o elemento radioativo Cobalto-60 contribuiu com o tratamento de tumores malignos até hoje.

Em 1954, um teste de bomba de hidrogênio foi realizado no Atol de Bikini, expondo habitantes locais e a tripulação do pesqueiro japonês Daigo Fukuryu Maru (Dragão da Sorte nº 5) à chuva radioativa. Isso possibilitou um encontro entre o professor e o filósofo Bertrand Russel (1872–1970). Rotblat prosseguiu [com seus esforços], assinou o Manifesto Russel-Einstein de 1955 e, em 1957, foi cofundador das Conferências de Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais nas quais continuou a desempenhar papel central até seu falecimento em 2005. Sua vida foi devotada à proibição e à abolição das armas nucleares.

Sua visão sobre a realidade da dissuasão nuclear, expressa quando ele e as Conferências de Pugwash receberam, em conjunto, o Prêmio Nobel da Paz, em 1995, continuam relevantes até hoje:

As armas nucleares são mantidas como forma de se precaver de alguns perigos não especificados. Essa política é simplesmente uma continuação inercial da época da Guerra Fria (...) sobre a afirmação de que as armas nucleares previnem a guerra, quantas guerras mais serão necessárias para refutar esse argumento?<sup>54</sup>

Em nosso diálogo, o professor Rotblat e eu discutimos sobre como as armas nucleares foram desenvolvidas, inicialmente com o argumento de combater a Alemanha nazista, e como sua posse e seu desenvolvimento competitivo foram justificados com razões e teorias estratégicas que estavam sempre se modificando. Chegamos à conclusão de que as armas nucleares não continuam a existir por necessidade, mas, em vez disso, sua existência exigiu uma série de argumentos para justificá-las.<sup>55</sup>

Enquanto os Estados continuarem a manter suas armas nucleares, com o argumento de ameaça de um "perigo não especificado", a ameaça real que essas armas apresentam ao nosso planeta persistirá pelo futuro indefinidamente. Em contraste, o TPAN, que visa eliminar "o risco apresentado pela contínua existência de armas nucleares",<sup>56</sup> estabelece um caminho para os países avançarem juntos rumo à erradicação de tal ameaça.

Em seus primeiros esforços para conquistar a abolição das armas nucleares, as Conferências de Pugwash tiveram seu primeiro êxito com a entrada em vigor do

Tratado de Interdição Parcial de Ensaios Nucleares em 1963, ano posterior à Crise dos Mísseis de Cuba. Apesar de o tratado proibir explosões nucleares na atmosfera, no espaço sideral e subaquático, não proibia explosões nucleares subterrâneas. Isso, por sua vez, levou à adoção, três décadas depois, do Tratado de Interdição Completa de Ensaios Nucleares (CTBT), que bane todos os testes nucleares, em 1996.

O CTBT ainda precisa entrar em vigor, mas já foi assinado por 184 Estados e, por meio da Comissão Preparatória para a Organização do Tratado de Interdição Completa de Ensaios Nucleares (CTBTO), possui um regime de verificação para assegurar que nenhuma explosão nuclear, em nenhum lugar do mundo, fique sem ser detectada. Esse regime ajuda a prevenir a criação do tipo de "perigos não especificados" sobre os quais o professor Rotblat alertou. Além disso, ao mobilizar recursos de coleta de dados de monitoramento das estações nucleares, que se espalham por todo o globo, a CTBTO ajuda a proteger a vida de pessoas em qualquer lugar, possibilitando, por exemplo, o alerta precoce e a detecção de acidentes em centrais nucleares.

De forma similar, a Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA) lançou a iniciativa, em março de 2020, de usar tecnologia derivada de materiais nucleares para ajudar mais de 120 países com testes de detecção da Covid-19.<sup>57</sup> A IAEA tem um registro histórico de ajuda a países para expandir o acesso ao tratamento de câncer e a testes rápidos de detecção na luta contra epidemias como ebola e zika. Com

relação a essa iniciativa, o diretor-geral Rafael Mariano Grossi declarou: "Quando foi solicitada a assistência da IAEA em tempos de crise, a agência não decepcionou, e não decepcionará".<sup>58</sup> Essas atividades ecoam o compromisso de vida do professor Rotblat para salvar vidas a partir da pesquisa e do ativismo.

Se uma força de dissuasão é necessária no mundo de hoje, certamente não é a das armas nucleares. Em vez disso, precisamos do poder da ação conjunta e da solidariedade que transcende as fronteiras nacionais, em ação contra as entrelaçadas crises das mudanças climáticas e dos impactos econômicos relacionados à Covid-19.

A atitude da comunidade internacional em relação às armas químicas mudou drasticamente depois que os tratados de abolição dessas armas entraram em vigor. Estados iniciaram o processo de destruição: mais de 90% das armas químicas declaradas estocadas do mundo foram, até agora, eliminadas.<sup>59</sup> Uma mudança similar relacionada a armas nucleares pode não ocorrer imediatamente entre Estados com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear, mas não é como se o processo fosse iniciado do zero.

Entre 2013 e 2014, foram realizadas três conferências internacionais sobre as consequências humanitárias do uso de armas nucleares. A cada iteração, o número de governos participantes aumentou, incluindo aqueles Estados dependentes de energia nuclear, como os Estados Unidos e o Reino Unido, entre os

158 Estados que compareceram à terceira conferência.<sup>60</sup>

Das conclusões tiradas dessas conferências, penso que os três pontos seguintes são particularmente importantes:

1. O impacto de uma detonação nuclear não estaria limitado a fronteiras nacionais e causaria uma devastação em escala global com efeitos em longo prazo.
2. É improvável que qualquer Estado ou organismo internacional possa lidar adequadamente com a emergência humanitária imediata causada por uma detonação nuclear.
3. Os efeitos indiretos de uma detonação nuclear seriam mais concentrados nos segmentos mais carentes e vulneráveis da sociedade.

Apesar de diferir em sua natureza, o impacto da crise climática e da pandemia da Covid-19 se assemelha aos das armas nucleares em cada um dos pontos acima. O impacto devastador que a Covid-19 causou no mundo deverá levar para dentro de cada Estado, incluindo aqueles com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear, a importância crítica de eliminar os perigos dessas armas, que são capazes de causar devastação em uma escala realmente inimaginável.

Remover esse grave perigo que persiste desde a época da Guerra Fria está na essência tanto do Tratado de Não



Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que entrou em vigor em 1970, quanto do TPAN, que entrou em vigor neste mês [janeiro de 2021]. O TNP clama aos países signatários que dediquem todos os esforços para impedir o perigo de uma guerra nuclear<sup>61</sup> e a devastação que isso causaria a toda a humanidade. Os dois tratados se complementam, oferecendo uma base dupla para pôr em ação esforços globais que deixem para trás as políticas de segurança dependentes de armas nucleares.

Aqui, gostaria de fazer duas propostas para a Conferência de Revisão do TNP, agendada para agosto deste ano: que seja realizada uma discussão sobre o verdadeiro significado de segurança à luz de crises como a mudança climática e a pandemia; e que o documento final inclua o compromisso de não uso de armas nucleares e o compromisso de congelar todo o desenvolvimento de armas nucleares no processo que levará à Conferência de Revisão de 2025.

A Conferência de Revisão, originalmente agendada para 2020, foi de fato adiada devido à pandemia. Quando ela vier a ser realizada, exorto aos participantes que reflitam sobre como a população mundial ansiou por uma real proteção e segurança no curso do ano passado, e seriamente considerem se devem ou não manter e desenvolver armas nucleares como "precaução a alguns perigos não especificados", em consistência com o espírito do TNP.

Em 1958, no contexto da crescente corrida armamentista da Guerra Fria, os Estados

Unidos tinham um projeto secreto de detonar uma bomba termonuclear na superfície da Lua. O propósito desse feito era produzir um intenso clarão de luz que seria visto da Terra, assim demonstrando à União Soviética a superioridade do poderio nuclear norte-americano. Felizmente, o projeto foi logo abortado, e a Lua, poupada.<sup>62</sup> Esse plano de usar até a Lua para intimidação nuclear estava em curso, ao mesmo tempo em que, na Terra, os Estados Unidos e a União Soviética trabalhavam juntos para desenvolver e disponibilizar uma vacina para conter a epidemia da pólio.

Hoje, quando se espera que o mundo necessitará de vários anos ou mais para se recuperar totalmente dos danos causados pela Covid-19, os governos deveriam aplicar essa lição da história e questionar sinceramente o valor de continuar modernizando seus arsenais nucleares.

Recomendo veementemente que, na Conferência de Revisão do TNP em agosto, com base nos compromissos de não utilização de armas nucleares e o congelamento do desenvolvimento de armas nucleares, os Estados iniciem negociações multilaterais de boa-fé sobre o desarmamento o mais rápido possível, cumprindo assim com suas obrigações de desarmamento nos termos do artigo 6 do TNP. Essas ações assegurarão que um progresso substancial seja feito antes da próxima Conferência de Revisão, em 2025.

O TPAN permite que Estados possuidores de armas nucleares se tornem membros ao concordarem em apresentar um plano de eliminação de seu programa nuclear.<sup>63</sup>



Essa participação de Estados com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear no TPAN seria facilitado por meio dos passos acima ressaltados sob o regime do TNP — proceder com negociações multilaterais sobre o desarmamento nuclear reforçadas pelo compromisso do não uso e do congelamento do desenvolvimento de armas nucleares. Exorto por esforços para vincular a operação desses dois tratados de forma a nos colocar no caminho do fim da era nuclear.

Notas:

46. THURLOW. *The TPNW—A Game Changer in Nuclear Disarmament* [TPAN — Divisor de Águas no Desarmamento Nuclear].

47. TODA. *Declaration Calling for the Abolition of Nuclear Weapons* [Declaração pela Abolição das Armas Nucleares].

48. Veja ICAN. *First Committee Reaffirms Support for the Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Primeiro Comitê Reafirma Apoio ao Tratado de Proibição das Armas Nucleares].

49. Veja ONU. *The Future We Want* [O Futuro que Desejamos], p. 126-27.

50. Veja CICV. *Millennials on War* [A Guerra da Perspectiva dos Mileniais], p. 15.

51. UN GA. *Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Tratado de Proibição das Armas Nucleares], artigo 8.

52. Veja IKEDA e ROTBLAT. *A Quest for Global Peace* [A Busca pela Paz Mundial], p. 45.

53. *Ibidem*, p. 46.

54. ROTBLAT. *Remember Your Humanity* [Recorde-se de sua Humanidade].

55. Veja IKEDA e ROTBLAT. *A Quest for Global Peace* [A Busca pela Paz Mundial], p. 25-26.

56. UN GA. *Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Tratado de Proibição das Armas Nucleares], Preâmbulo.

57. Veja IAEA. *IAEA Assistance for the Rapid Detection and Management of COVID-19* [Assistência para a Rápida Detecção e Gerenciamento da Covid-19].

58. IAEA. *IAEA Project to Help Countries Combat COVID-19* [Projeto da IAEA para Ajudar Países a Combater a Covid-19].

59. OPCW. *OPCW by the Numbers* [IA OPCW em Números].

60. FEDERAL MINISTRY for Europe, Integration and Foreign Affairs, Republic of Austria [Ministério Federal da Europa, Integração e Relações Exteriores da República da Áustria]. *Vienna Conference* [Conferência de Viena], p. 2.

61. UN GA. *Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons (NPT)* [Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP)].

62. RAUF. *Looking Back* [Olhando para Trás].

63. Veja UN GA. *Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Tratado de Proibição das Armas Nucleares], artigo 4.